enviado em 10/6 para: 17 junho

PP0989

Eu vou a Timor, a convite dos seus Bispos. É já na segunda quinzena do mês que vem. O pretexto próximo traduz-se na orientação de um retiro espiritual para o clero das dioceses de Dili e Baucau.

Claro que aceitei tal convite, sem pensar sequer no cansaço e incómodos que viagem e serviço a prestar me possam causar. E aceitei, entre outras, por estas razões: presto àquelas igrejas tão distantes e tão carenciadas uma importante colaboração; satisfaço como que um direito que julgo assistir-me de comungar no terreno a vida, os problemas e os sonhos daquela gente que amamos e que nos quer bem; tenho oportunidade de "beber" as belezas naturais que o Criador ali tão generosamente semeou..

Vamos por partes.

Os Bispos, ao convidarem-me, apelaram para as carências do clero local, lembrando o bem que representaria para ele o contacto e a reflexão espiritual e pastoral com um Bispo ido de Portugal. Já por aqui, sobretudo no Sul, vamos experimentando estas situações, que nos levam a pedir ajuda a outras igrejas. Quantas vezes me aconteceu isto em Setúbal!

A Igreja é comunhão. Deve testemunhar e procurar sempre a comunhão, que passa também pela partilha de serviços, de pessoas e de bens.

Continua também entre nós o escândalo impensável das desigualdades entre dioceses, entra paróquias, entre importantes estruturas pastorais sem rentabilizar como seria de esperar. A caridade, que Jesus deixou como única lei constitucional da Sua Igreja tem necessariamente que passar por estes caminhos.

Um Bispo, antes de o ser na e da sua diocese, é um Bispo na Igreja e da Igreja. E esta dimensão até se acentua, quando a Santa Sé o dispensa de um serviço efectivo a uma igreja particular. É o meu caso. Por isso, repito que, embora "resignatário" nos dicionários das benevolências eclesiásticas, recuso-me a ser e a viver como Bispo "resignado". É assim que vou com alegria a Timor, como Bispo da Igreja e em serviço da Igreja.

Vai certamente ser mais difícil provar que, indo, me sinto que a satisfazer um direito. Quer dizer e perdoem-me, julgo contabilizar um crédito relativamente a Timor.

Quando, entre nós, o interesse por Timor era considerado um interesse menor, uma bizarria ou uma inconsciente perda de tempo, eu fui à ONU, na qualidade de Presidente da Secção portuguesa da Pax Christi, protestar, no clima de uma sessão solene, contra a ocupação Indonésia. Adianto que, por parte de muito boa gente que, mais tarde haveria de entrar no coro a berrar Timor, fui considerado imprudente e desleal.

A seguir, promovi, ainda em clima de Pax Christi, uma recolha de cartas de Bispos de todo o mundo, ainda para sensibilizar a ONU, tendo sido impedido de as fazer chegar ao seu destino. Com

a laboriosa e atenta Caritas de Setúbal, promovi uma recolha de milhares de assinaturas para fazer chegar ao pai deste Busch, e que a Embaixada de Lisboa, numa atitude cheia de lógica(!), prometeu lançar ao lixo. Por mais que uma vez, fiz chegar, em nome do meu povo de Setúbal, ajudas económicas para aquela gente sofredora. Ficam sem conta entrevistas, conferências, mensagens que de todo o país me solicitavam. Será preciso acrescentar que tudo isto me custou sangue?

Sendo assim e assim é, assiste-me ou não o direito de ir a Timor? O povo português, de tal forma, sentiu a minha paixão pela causa de Timor, que chegou a nomear-me(!) "Comissário" para as causas de Timor. Foi um grande semanário que m'o disse a mim e a todos os que o leram, que são imensos em Portugal.

Finalmente, quem não adora contemplar belas paisagens, comungar sangue e sonho, "mergulhar" numa história para poder continuar a alertar e a cantar,lá, cá ou em qualquer parte?

Vamos sabendo dos momentos difíceis que Timor está a viver. Dizem os entendidos que era de esperar. Mas, por favor, esperar porquê? As colonizações que abafaram o povo de Timor, terminaram numa explosão de morte: a portuguesa e a indonésia. Timor foi assim como que um combóio que descarrilou e ainda não encontrou o seu rumo.

Eu que acreditei contra toda a esperança e contra tanta negligência e más vontades de muitos e muitos, na vitória de Timor, continuo a acreditar que o querido povo de Timor vai ultrapassar as dificuldades maiores, e, na aceitação inteligente e generosa das diferenças, vai apresentar-se no tabuleiro do mundo, como um país livre, democrático, pacífico, feliz.

Portugal, por ocasião do desastre ocorrido com Timor, e, ainda por cima em ocasião de eleições legislativas, esqueceu-se de si, para estar todo inteiro em Timor. E continua lá, com a mão fraterna que ajuda e com o coração limpo que anseia o melhor para o querido povo de Timor.

Que assim seja.

A quando do regresso, prometo dizer aos meus leitores o que vi e o que senti. Espero, em Deus, dar boas notícias.

2 - Julho
2001

Maria Alfreda,

Em "O Comércio do Porto", de 17 de Junho pp., escrevi o artigo em junto. Chega?

Não enviei as cartas ao seu destino por imposição superior, como sa

Mej. Se outras coisas acontecerem, como insinuo no artigo.

Também eu, português

M. DA SILVA MARTINS, Bispo

e cristão, vos estou grato por tudo quanto fizestes pela causa de Timor.

Na última quinzena, deste mês vou lá estar. Será que vos encontramos? Oxalá

Dedo

+ M. Martins

Rua do Monte do Vale, 153 — 4465 Leça do Balio
Tel./Fax (02) 9511685